

DIFERENÇAS DE RENDIMENTOS ENTRE HOMENS E MULHERES

Autores

Bolsista: Thais Silva Oliveira – (tso.thais@gmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Eugenia Troncoso Leone – (eugenia@eco.unicamp.br)

INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – IE/UNICAMP
Agência Financiadora: PIBIC / CNPq

Palavras-Chave: Diferença – Rendimento – Sexos – Mulher – Homem – Mercado – Trabalho



Introdução: O Brasil tem se caracterizado pela elevada desigualdade de rendimentos. Essa desigualdade manifesta-se, também, nas diferenças de rendimento entre homens e mulheres no mercado de trabalho. O nível de rendimento das mulheres é inferior ao dos homens independentemente do nível educacional e/ou da posição na ocupação e, apesar de, nas últimas, décadas, ter-se observado uma redução das diferenças, elas ainda permanecem elevadas. Nesse contexto de enorme desigualdade de remunerações este projeto se propõe fazer um levantamento dos principais indicadores de rendimentos e fazer uma análise comparativa entre rendimentos femininos e masculinos entre os anos de 2002 e 2006.

Metodologia: Os objetos de trabalho utilizados foram literaturas sobre o assunto e dados empíricos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD 2006) do IBGE, da qual foram extraídas informações que possibilitaram caracterizar as principais diferenças entre homens e mulheres, no que tange às oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho, analisando o histórico brasileiro dessa desigualdade ao longo dos anos de 2002 a 2006.

Resultados e Discussão

Tabela 1: Indivíduos por grupos de ano de estudo e sexo. (Percentuais)

Brasil	Grupos de anos de estudo	2002		2003		2004		2005		2006	
		% Sexo	% Total	% Sexo	% Total	% Sexo	% Total	% Sexo	% Total	% Sexo	% Total
Homem	Sem instrução e menos de 1 ano	12	5,8	11,5	5,6	11,4	5,5	10,8	5,2	10,2	4,9
	1 a 3 anos	16,6	8	15,7	7,6	15,4	7,4	15,1	7,3	14,5	7
	4 a 7 anos	33,6	16,2	32,9	15,9	32,1	15,5	31,9	15,4	31,7	15,3
	8 a 10 anos	15,7	7,6	16,4	7,9	16,6	8	16,5	8	1,6	8
	11 a 14 anos	17	8,2	18,2	8,8	19,1	9,2	20,3	9,8	21,3	10,3
	15 anos ou mais	4,8	2,3	4,9	2,4	5	2,4	5,1	2,5	5,6	2,7
	Total	100	48,2	100	48,3	100	48,2	100	48,3	100	48
Mulher	Sem instrução e menos de 1 ano	11,7	6,1	11,5	5,9	11,2	5,8	10,8	5,6	10,1	5,2
	1 a 3 anos	15	7,7	14	7,2	13,6	7	13,2	6,8	12,6	6,5
	4 a 7 anos	32,3	16,7	31,4	16,2	30,8	16	30,5	15,8	30	15,5
	8 a 10 anos	15,7	8,1	16,3	8,4	16,4	8,5	16,3	8,4	16,4	8,5
	11 a 14 anos	19,7	10,2	20,9	10,8	21,9	11,3	22,8	11,8	24,2	12,5
	15 anos ou mais	5,2	2,7	5,6	2,9	5,8	3	6,1	3,1	6,6	3,4
	Total	100	51,8	100	51,7	100	51,8	100	51,7	100	51,8
Total	Números absolutos	141761		144641		149760		152916		156283	

Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2006.

As mulheres e homens apresentam proximidade em todos os níveis de escolaridade, sendo que, entre os grupos de estudo, o nível educacional feminino chega a superar o masculino quando maior que 11 anos de escolaridade. Portanto, seria de se supor que deveriam ter maiores rendimentos do que os homens, o que, no entanto, não ocorre na realidade. As conquistas educacionais femininas não se refletem em melhoria de sua situação de trabalho. Ainda que apresentem maiores níveis de escolaridade, a remuneração das mulheres não se equipara à dos homens.

Tabela 2: Valor do rendimento médio mensal por posição na ocupação e sexo. (R\$)

Brasil	Posição	2002	2003	2004	2005	2006
Homem	Empregados	634	688	731	802	880
	Trabalhadores domésticos	281	318	337	358	396
	Conta própria	556	616	647	688	750
	Empregadores	2.111	2.319	2.414	2.584	2.865
Mulher	Empregados	565	616	652	720	787
	Trabalhadores domésticos	201	224	239	266	296
	Conta própria	372	396	421	457	494
	Empregadores	1.627	1.662	1.751	2.008	2.287

Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2006.

Conclusões: Entre os anos de 2002 e 2006, frente ao desempenho econômico observado, a evolução dos indicadores do mercado de trabalho mostrou que as mulheres têm ganhado espaço cada vez maior, conquistando, gradativamente, melhores condições de trabalho.

Considerando os setores da economia - comércio, serviços, indústria e construção, entre 2002 e 2006 observou-se queda da participação masculina em todos os setores, apenas com leve crescimento na área de construção. A queda da participação masculina foi diretamente revertida em aumento da participação das mulheres, que, ainda que pouco expressiva no setor de construção, as mulheres que nele estão inseridas são as que recebem maiores salários. No entanto, a inserção quantitativa da mulher no mercado não necessariamente indicada que a qualidade de suas condições de ocupação também tenha melhorado.

É muito discrepante a diferença entre diversos indicadores entre os sexos. A taxa de desemprego feminina ainda é muito superior que a masculina, os maiores níveis educacionais das mulheres não têm feito, exceto a partir do nível superior, com que consigam conquistar cargos hierárquicos superiores e, portanto, salários correspondentes. Quando atingem cargos de trabalho semelhantes aos masculinos, as remunerações para as mulheres são significativamente inferiores.

A desigualdade de renda, ainda que menor entre as mulheres, reflete justamente a precariedade de sua inserção, que se concentra em ocupações de prestígio inferior, cujos rendimentos também são diminutos.

Em suma, é evidente a crescente presença da mulher no mercado que trabalho. No entanto, a qualidade de sua inserção ainda é muito prejudicada frente à masculina,

O montante absoluto de homens cuja posição na ocupação principal é de empregador, empregado ou conta própria é expressivamente superior ao feminino, sendo superior o número de mulheres apenas na ocupação de trabalhadores domésticos.

Ainda assim, houve melhoria na condição de ocupação feminina, dado que, em 2006, as proporções de mulheres empregadas e empregadoras ampliaram-se em 21,6% em relação a 2001, índices que, para os homens, corresponderam a 13,7% e 17,1%, respectivamente.

São expressivos os dados que revelam que, para todos os anos, a porcentagem de indivíduos ocupados no total das posições, mantiveram-se, para os homens, em cerca de 60% e, portanto, para as mulheres, em torno de 40%.

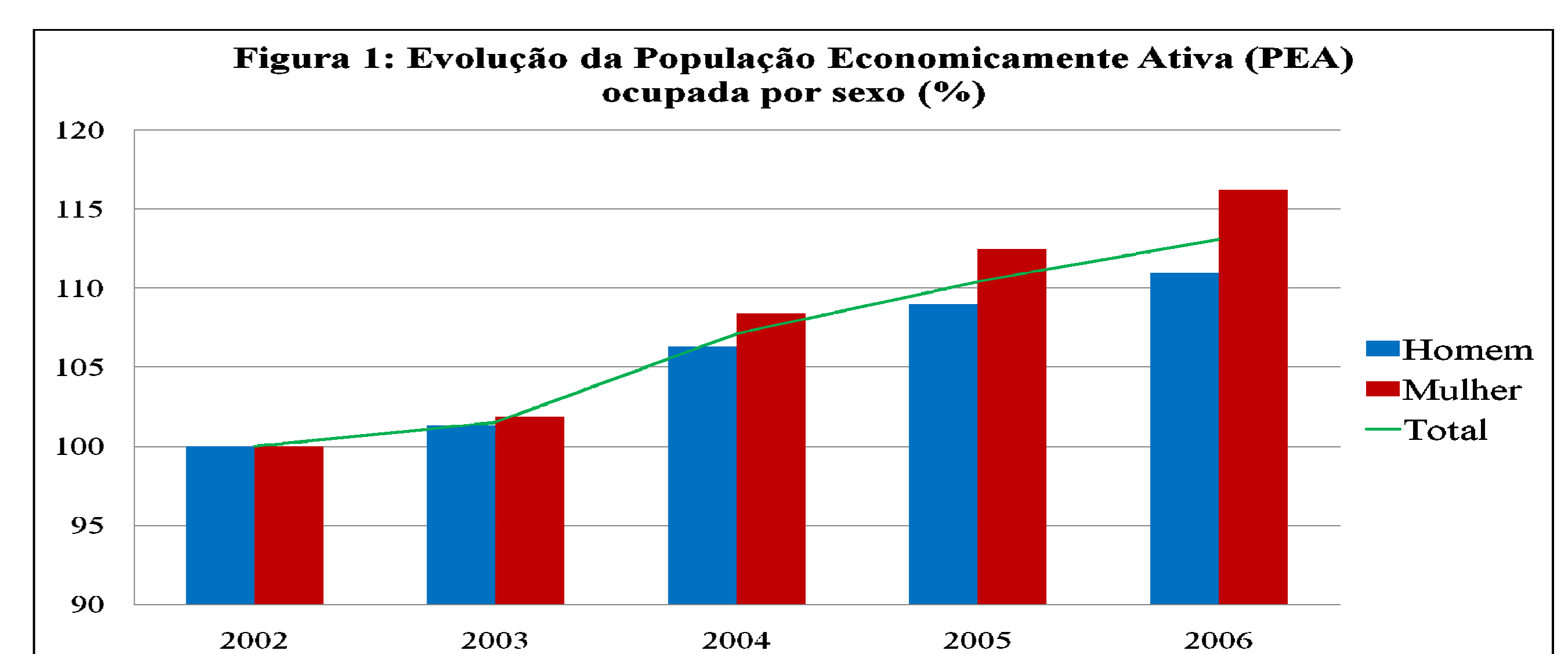
Mesmo alcançando cargos semelhantes aos dos homens, os rendimentos médios femininos sempre são inferiores.

dado que os cargos e rendimentos conquistados são inferiores, mesmo diante de melhores fatores competitivos, como o nível educacional.

A participação da mulher no mercado de trabalho já está consolidada e a tendência é de elevação constante. Cabe agora, trabalhar a questão cultural e dirigir as forças para a luta por melhores condições dessa inserção, buscando a equalização com os homens.

Luta por salários melhores, luta pela não diferenciação de ocupações segundo sexo e luta pela constante formalização dos empregos. Esses devem se os objetivos. Embora o processo de conquista desses direitos deva levar tempo considerável, o potencial de atingir os objetivos supracitados é muito elevado e, cada incremento qualitativo alcançado expandirá ainda mais esse potencial.

Figura 1: Evolução da População Economicamente Ativa (PEA) ocupada por sexo (%)



Ainda que o montante absoluto de homens economicamente ativos seja maior que o de mulheres, a taxa de crescimento da PEA feminina superou a masculina em todos os anos e, inclusive, foi superior à taxa de crescimento da PEA total. Em 2004 foi observada a maior taxa para ambos os sexos, em função da recuperação econômica, quando se alcança maiores níveis de ocupação. A feminina, de 6,4% em relação ao ano anterior, foi um e meio ponto percentual superior à dos homens.

Essa tendência de aumento, entretanto, não se refletiu em aumento igual da participação feminina em relação à PEA ocupada total que, entre os anos de 2002 e 2006, passou de 41,3% para apenas 42,5%.

Figura 2: Evolução da taxa de desemprego

